

VIVÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM CIÊNCIAS DA NATUREZA DESENVOLVIDO NA COMUNIDADE DO SEGREDO-BA: UMA EXPERIÊNCIA DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFRB

Silvana Souza da Silva

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB
silvanamundonovo@hotmail.com

Klayton Santana Porto

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB
klayton@ufrb.edu.br

Resumo: Este artigo relata as experiências vivenciadas durante o Estágio Curricular Obrigatório I do curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Na comunidade remanescente de Quilombo de Segredo, município de Souto Soares. Este artigo tem como objetivo apresentar as vivências do estágio supervisionado em Ciências da Natureza nas séries finais do Ensino Fundamental com o intuito de refletir sobre o processo de formação inicial em Educação do Campo a partir da discussão das ideias dos autores como Caldart (2002; 2009) e Fernandes e Molina (2004). O presente artigo incide em uma pesquisa de estudo de caso, sendo desenvolvido a partir de um relato de experiência abordando minha reflexão a partir do estágio supervisionado em uma turma de 8º ano B da Escola Municipal Rui Barbosa. O trabalho traz descrições de ações realizadas no período do estágio como observação, coparticipação e regência bem como as metodologias utilizadas. Dentro dessa perspectiva, ressaltamos a importância do estágio supervisionado na formação de professores na educação do campo, sobretudo quando analisamos o currículo do curso de licenciatura em educação do campo da UFRB, o qual preza pela constante união entre teoria e prática sempre permeadas pela essência de uma educação emancipatória e libertadora.

Palavras-chave: Educação do Campo. Ensino de Ciências. Estágio. Formação de Professores

Introdução

De acordo com a lei nº 9.394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação (LDB), garante que a educação é um direito de todos e obrigação da família e do estado. Para desenvolvimento do cidadão na vida familiar, na convivência humana e no trabalho. Entretanto

nem todo sujeito do campo tem acesso a essa educação por morar distante da escola, por falta de profissional qualificado ou até mesmo pelo fechamento das escolas que, segundo Schmitz (2017, p. 39), “o camponês encontra dificuldade de se manter no campo e assumir sua identidade, pois a oferta de educação é precária e dificulta ainda mais a permanência desse sujeito no campo”.

Apesar das escolas estarem situadas no campo usam uma linguagem urbana que não contempla os sujeitos que nele vivem, menosprezando sua cultura e inferiorizando sua identidade, esses sujeitos pouco conhecem em relação aos seus direitos à educação de qualidade e se contentam com uma educação que Freire (1987) denomina “educação bancária” onde o sujeito não participa da construção do saber apenas ouve o professor.

A oferta de curso para a formação de profissionais para atuarem no campo é mínima e hoje só tem essas ofertas graças aos movimentos sociais do campo que ao longo dos anos vêm lutando em busca de uma educação melhor para seus sujeitos, que valorize sua cultura e identidade que seja do/no campo. Segundo Caldart (2002, p.18) os movimentos sociais do campo lutam em busca de educação de qualidade que pense e seja construída juntamente como esses sujeitos do/no campo ou seja uma educação pensada a partir do seu lugar de convívio com a sua participação e atendendo suas necessidades humanas e sociais e garantindo o direito do sujeito ser educado no lugar onde vive.

A formação de professores de ciências em Educação do Campo é um avanço conseguido com muito esforço dos movimentos sociais do campo, tendo em vista que é uma parte da educação desvalorizada pelo poder público. Uma formação específica que não se limita apenas na formação em ciências como também em matemática, ciências agrárias, agroecologia, entre outras.

A formação na área de educação do campo surge no regime de alternância, ou seja, o aluno tem um tempo na universidade de aproximadamente 40 dias e um tempo comunidade de aproximadamente 60 dias. Uma proposta pensada nos filhos dos agricultores que cursam a universidade sem precisar deixar de lado suas raízes e seu trabalho. De acordo com Vergutz (2012) a Pedagogia da Alternância surge como uma proposta educacional para o campo, pautada na possibilidade de uma formação para jovens do meio rural, centrada na partilha e na interação entre todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

No âmbito de um processo de formação inicial, o estágio representa um período preparatório que uma pessoa passa no âmbito de uma formação desenvolvendo na prática o que aprendeu na teoria. A partir de então saberá se está pronto ou não para desenvolver a função a qual foi preparado. Os autores Pimenta e Gonçalves (1990 *apud* XAVIER, 2009) defendem que o estágio não seja comparado à uma parte prática do curso, deve se caminhar para a reflexão a partir da realidade.

A vivência em sala de aula durante a formação continuada de um estudante de licenciatura é diferente dos anos que frequentou na formação básica, pois neste processo o aluno não tem um olhar amplo de pesquisador, ele ainda não desenvolveu o senso crítico em relação ao processo de ensino e aprendizagem. Dessa maneira a minha concepção de formação vai contra a ideia de Stahl e Santos (2012) pois, de acordo aos autores mesmo antes de começar o curso de formação de professores, o estudante de licenciatura já tem vivência no campo profissional ao qual atuará, uma vez que já teve experiência quando foi estudante na escola básica.

A prática às vezes assusta e nos deixa com uma sensação de invulnerabilidade que ao longo do estágio conseguimos reverter e entender que essa fragilidade só vai ser desfeita quando adquirimos experiência, pois segundo Pimenta e Lima (2008, p.33 *apud* XAVIER, 2009, p. 2672) os currículos de formação são construídos em cima de aglomerados de disciplinas que não condiz com a prática, assim pode ser considerada apenas saberes disciplinares.

Em qualquer profissão o estágio significa preparar o futuro profissional para o trabalho, constituindo numa atividade temporária, cuja duração varia de acordo a profissão. Na licenciatura em educação do campo esse processo é dividido em três etapas para melhor aprendizagem do aluno. Porém a minha vivência no estágio obrigatório I foi mais que uma preparação para minha futura profissão.

Para os autores Alvarenga e Bianchi o estágio:

É uma atividade em que o aluno revela sua criatividade, independência e caráter, proporcionando-lhe oportunidade para perceber se a escolha da profissão para a qual se destina corresponde a sua verdadeira aptidão. Portanto, compreender primeiramente o que é e como se conceitua o Estágio Supervisionado é de muita importância para o aluno. (BIANCHI; ALVARENGA; BIANCHI, 2003, p. 7 *apud* MEDINA; PRUDENTE, 2012, p. 193).

Desse modo, neste artigo relatamos as experiências vivenciadas durante o Estágio Curricular Obrigatório I do curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Na comunidade remanescente de Quilombo de Segredo, município de Souto Soares. Este artigo tem como objetivo apresentar as vivências do estágio supervisionado em Ciências da Natureza nas séries finais do Ensino Fundamental com o intuito de refletir sobre o processo de formação inicial em Educação do Campo a partir da discussão das ideias dos autores como Caldart (2009; 2002), Fernandes e Molina (2004), dentre outros.

Metodologia

Neste artigo descrevemos um estudo de caso que foi desenvolvido a partir do relato de experiência, apresentando as reflexões no desenvolvimento do estágio. Esse relato de experiência é resultado das vivências da disciplina de estágio obrigatório I do curso de licenciatura em educação do campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia com a orientação do professor Klayton Porto. A disciplina conta com uma carga horária de 136 horas, dividida em 68 horas teóricas com o professor orientador no Tempo Universidade e 68 horas práticas desenvolvidas durante o Tempo Comunidade no campo de estágio com a professora regente. O estágio teve como objetivo aproximar o aluno da realidade a qual ele será inserido.

O estágio curricular obrigatório é compreendido como uma ação que transpassa os tempos e espaço formativos. Na perspectiva da pedagogia da alternância, é um momento de se aprimorar os conhecimentos científicos, teórico e práticos que devem ser operacionalizados de modo a efetivar o diálogo entre as aprendizagens teóricas do tempo- universidade, as atividades práticas do tempo-comunidade e a organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo e nos espaços não escolares. (UFRB, Nº 017/ 2016 Art. 2º)

Dentro dessa perspectiva o estágio foi realizado na Comunidade Quilombola de Segredo, município de Souto Soares-BA, que fica situado a 418 km da capital Salvador. A comunidade tem um clima intertropical e fica situada a 8km da sede, tem cerca de 1.000 habitantes que sobrevivem da agricultura familiar, programas do governo e de pequenos comércios.

A Escola Municipal Rui Barbosa está situada na Rua Agripino Mendes S/N, localizada no centro do distrito. Apresenta na sua estrutura física 11 salas de aula, cantina, biblioteca e pátio para recreação dos alunos, o local atende cerca de 550 alunos entre a pré-escola e o 9º do ensino fundamental II. A escola conta com 35 funcionários entre contratado e concursado, com carga horária que varia de 20 a 40 horas semanais, em meio de professores, merendeira, bibliotecária, diretor, secretara, vice diretora, faxineira, porteiro, coordenadora entre outros. A escola conta com duas extensões uma atende aos alunos do 4º e 5º ano do fundamental I, a outra acolhe a cantina, um pátio coberto para recreação e reunião com os pais e duas salas de aula do 1º ao 2º ano da pré-escola.

O estágio foi desenvolvido no turno vespertino com 24 alunos do 8º ano B do Ensino Fundamental II, que tinham entre 13 e 15 anos no momento em que o estágio foi realizado no segundo semestre de 2016.

De acordo com os aspectos éticos este estudo respeitou os critérios estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei n. 8.069/90, que protege a preservação da imagem e nome dos adolescente no seu artigo 17 que afirma os seguinte anversos “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”. (BRASIL, 1990). Portanto os aspectos éticos foram respeitados no que se refere zelar pela integridade das informações como, nomes citados e fotos captadas durante o processo de estagio obrigatório I, respeitando a lei acima citada. Reverenciando, desse modo, o direito ao anonimato de adolescentes que não almejem ou não foram autorizados pelos seus responsáveis a se identificar.

Resultados e discussão

Como mencionamos anteriormente, a disciplina de estágio obrigatório I teve uma carga horária de 136 horas, dividida em Tempo Universidade, com duração de 68 horas e Tempo Comunidade, uma carga horaria de 68 horas. A carga horária do Tempo Comunidade foi subdividida em observação participante com duração de 8 horas, coparticipação com duração de

12 horas, regência com duração de 12 horas, supervisionado pelo professor regente e 36 horas de atividades adicionais (construção do projeto de aprendizagem, planejamento das atividades de docência, produção de relatório final do estágio e apresentação do Seminário Integrador), totalizando as 136 horas de estagio obrigatório I supervisionado.

Em sala de aula na universidade foram feitas leituras e discussões sobre a necessidade do estágio na formação do discente de licenciatura em educação do campo destacando autores como como Caldart que discute a educação na perspectiva do campo, Pimenta e Lima, que discutem o Estágio e a sua importância no processo de formação inicial em docência, dentre tantos outros autores. Dessas discussões foram gerados memoriais redigidos pelos discentes. E finalizamos a disciplina no tempo universidade com as micro aulas, feitas individualmente com o tema escolhido por cada discente e apresentada com duração de 30 minutos. O professor avaliou as apresentações baseada nos planos de aula que foram entregues antes de apresentarem as micro aulas.

As atividades do Tempo Comunidade foram iniciadas com o acompanhamento das Atividades Complementares (AC), que são realizados o dia inteiro uma vez por semana com a participação de todos os professores e a coordenadora da escola, onde são discutidos textos que trazem uma reflexão sobre a situação atual da escola dos alunos, textos motivacionais entre outros, correção de provas, elaboração de plano de aula etc. Foi a partir desse acompanhamento que fiz meu Projeto de Aprendizagem com a orientação da professora regente e do professor orientador de estágio, que foi entregue à escola e à universidade. As observações em sala de aula se iniciaram logo após a entrega dos documentos necessários para realização do estágio, juntamente com o Projeto de Aprendizagem.

As primeiras observações foram feitas em uma oficina que envolveu todos os funcionários da escola e teve duração de dois dias. Uma oficina desenvolvida pelo Instituto Natura, com o intuito de transformar a escola em “*Comunidade de Aprendizagem*”, onde a comunidade (pais) participam diretamente no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Trazendo seus saberes pra dentro da escola, mediando juntamente com os professores. Com objetivo de ajudar no desenvolvimento da comunidade e transformar a sociedade, o projeto destaca ainda a mediação professor e aluno, compartilhamento dos saberes, trabalhar com os pais dentro das salas de aula,

aprendizagem mútua, praticas superadoras de dificuldades dentre outros, uma metodologia parecida com a educação do campo. O instituto deu a escola três meses pra decidir se aceitava ou não a proposta.

Eu observei que os alunos sentavam encostados na parede, deixando o meio livre um espaço, onde a separação entre os sexos era visível, pois as meninas sentavam de um lado da sala e os meninos do outro, o entrosamento entre os dois sexos era raro, geralmente os trabalhos era feitos com alunos do mesmo gênero. Uma separação que pode ter ocorrido por afinidade, localidade ou até mesmo pela criação onde pais separam meninos de meninas.

Na turma tinham dois alunos com deficiência porém só participaram de apenas duas aulas durante o processo de estágio, pois a escola não tem uma estrutura adequada e professores com formação para atender essas crianças e, ainda, as mesmas só vão à escola acompanhadas dos pais. Os professores não passam atividade, não há interação dessas crianças com os outros alunos e até mesmo com os professores. De acordo com a lei 9394/96 todo educando com necessidade especial tem direito a educação de qualidade, isso estar claro no artigo 59.

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicas, para atender as suas necessidades; II terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os super dotados; III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como os professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns; IV – educação especial para o trabalho, visando sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no mercado de trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora; V – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.(BRASIL, 1996).

Portanto a lei que assegura uma educação de qualidade para pessoas com deficiência existe desde 1996, uma forma de inclusão do sujeito na sociedade. Entretanto os alunos com Necessidades Educacionais Especiais da Escola Rui Barbosa são matriculados mas quase não frequentam as aulas por vários motivos, entre eles estão a falta de atividades específicas que sejam adequadas às Necessidades Educacionais Especiais destes alunos, sala de recursos, interação com

a turma e com os professores. Pode ser observado que o contato desses alunos é apenas com os pais que os acompanham, o que desmotiva e deixa eles inquietos.

Quando se trata da educação no campo a situação fica ainda mais grave pois, na maioria das vezes, essas crianças nem chegam a frequentar a escola, por falta de informações ou super proteção dos pais ou até mesmo a escola que não os inclui. Deixando a criança cada vez mais excluída da sociedade. Os recursos destinados a essa finalidade não chegam ao município ou se chegam não são repassados ou aplicados na escola, esse não é só um problema desse município, é uma realidade da educação brasileira que todos têm direitos mas na prática a realidade é outra.

Durante o processo de observação a professora regente trabalhou com leitura em grupo, apresentação de seminário, roda de leitura, discussões sobre o assunto, revisão e questionários. Usou microfone para se comunicar com os alunos que, segundo ela faziam muito barulho e não dava para os demais escuta-la, uma metodologia que na minha opinião mais atrapalhava que ajudava, pois o barulho dos alunos junto ao microfone ficava ainda mais alto e dificultava o entendimento do assunto que ela ministrava. Em alguns estados os professores utilizam esse tipo de equipamento em sala de aula para auxiliar o professor no desempenho e qualidade do seu trabalho. Porém nesse período de estágio não foi observado a necessidade do uso do equipamento, pois a quantidade de alunos era razoável e as aulas poderiam ser ministradas do centro da sala onde todos poderiam ver e ouvir.

A professora ministrava os conteúdos fazendo uma sequência do livro didático, porém como a quantidade de livros não era suficiente para toda turma o trabalho era desenvolvido em dupla, onde um desempenhava mais que o outro. As atividades passadas para casa, na maioria das vezes não eram feitas, pois os alunos não podem levar o livro e não tem acesso à internet, esse problema dificulta e atrasa os desenvolvimento das aulas e, conseqüentemente, dos alunos. Como pode ser cobrado um bom desempenho do aluno se ele não tem acesso a material didático para estudar? Uma questão enfrentada pelos professores da escola Rui Barbosa há anos.

Nesta etapa do estágio, observamos a relação aluno professor, aluno e aluno, conteúdos ministrados, participação dos alunos na aulas e assimilação dos conteúdos, onde percebemos que não havia interação entre a professora e os alunos durante os conteúdos trabalhados. Os alunos apenas escutavam a professora, que ministrava a aula da frente do quadro, utilizando livro e mapas

para identificação do corpo humano, porém os alunos não faziam uma complementação do assunto, contribuindo para que estes assimilassem pouco o conteúdo ministrado pela professora. Uma metodologia diferente da que é proposta pelos autores da educação do campo, dentre eles Freire (1996, p.21) que ressalta que “ensinar não é transferir conhecimento pois o professor deve dar as condições para que o aluno pense, faça indagações e se torne um sujeito crítico e independente”.

Percebemos que a relação dos alunos com os professores era distante, os mesmos não compartilham as dúvidas e os conhecimentos e os professores trabalhavam de forma tradicional, sendo o centro das atenções e não lançando mão de inovações. Os alunos são rotulados e culpado pelos resultados negativos, o que contribuía para desmotiva-los cada vez mais.

No período de observação minha maior dificuldade foi de interação com a professora, pois nunca tinha tido contato com ela antes, entretanto a mesma me deixou à vontade para opinar nos conteúdos e nas atividades ministradas por ela. Durante esse período conheci a estrutura pedagógica da escola os alunos e me aproximei da professora. Esse foi um período fundamental para traçar as estratégias que foi usada na regência.

Durante o período de coparticipação a professora fez roda de leitura, explicou o assunto, fez revisão e aplicação da prova, usando sempre a mesma metodologia para explicar temas diferentes, não fazia plano de aula e seguia sempre a sequência do livro didático. Essa estratégia desmotivava os alunos que, às vezes, não prestavam atenção nas aulas com conversas paralelas.

Na coparticipação conseguimos perceber quem tinha mais dificuldade de entender os conteúdos, quais as dificuldades e o por que não os alunos conseguiam acompanhar a professora. Os alunos que se comunicavam pouco durante as aulas eram sempre os que tinham menor desempenho, pois eles não tiravam dúvidas com a professora por vergonha ou desinteresse. Essa parte do estágio foi mais confortável pois auxiliei a professora em relação as dúvidas dos alunos e ajudei os mesmos na resolução dos questionários e preparação do seminário.

Percebi durante essa etapa, que os alunos não tinham muita afinidade com a professora evitando tirar dúvidas de fundamental importância para o seu desempenho. Onde os autores Freschi (2013, p.4) e Freire (1996, p.103) “dizem que a boa relação entre professor e aluno que troca conhecimento e informações de realidade entre se com respeito e humildade só tem a

contribuir para o desenvolvimento de ambos os sujeitos”. Por tanto a relação entre a professora regente poderia estar prejudicando o desenvolvimento dos educandos, por não ter uma aproximação concreta.

Nesta etapa pudemos observar que os alunos pouco escrevem no caderno, não anotam as explicações feitas pela professora e só copiam quando ela manda ou quando é passado questionário e, na maioria das vezes, apenas as perguntas são copiadas. Essa situação dificulta muito os educandos na hora de estudar para prova ou até mesmo voltar aos conteúdos que foram passados em aulas anteriores. Essas questões necessitam de estratégias para ser resolvidas pois o nosso cérebro não consegue guardar todas as informações, é necessário lembrete para que ele tenha lembranças completas. As anotações auxiliam nos aprendizados do aluno e avanço no trabalho do professor.

Durante a etapa da coparticipação colaborei com o desenvolvimento do **“Projeto Lixo é um Luxo”** desenvolvido pela professora regente juntamente com a professora de ciências do 6º ano. O projeto teve como objetivo incentivar os alunos a fazer reciclagem e destino certo ao lixo produzido ao mesmo tempo que se interagia com a comunidade. Foram coletadas garrafas petes, pneus de carro, latinhas e os lacres, cada turma era responsável pelo lixo que reciclava uma vez que cada produto valia uma certa quantidade de ponto ao final da reciclagem cada turma deu destino ao seu lixo, produzindo roupas, bolsas, enfeites de casa, lixeiras, e vasos de plantas e as latinhas foram vendidas. A equipe que acumulou mais ponto ganhou uma viagem ao rio.

Uma iniciativa que mobilizou toda a escola, houve participação de todos os alunos e o destino dado ao lixo reciclado por eles foram incríveis. A professora trabalhou, nesse período, o tema reciclagem, com destaque para o destino do lixo, qual o tempo que cada produto gasta pra se decompor na natureza, impactos ambiental provocados pelo lixo descartado de maneira inadequada, como transformar lixo em renda e trabalho em equipe. Todo o trabalho foi apresentado no seminário que encerrou o projeto.

As professoras estão de parabéns, pois usaram uma metodologia diferente para trabalhar o lixo, tendo retorno positivo por parte dos alunos que se empolgaram para ganhar a gincana e sem perceber eles aprenderam o destino correto do lixo, os impactos que o mesmo causa ao meio ambiente e transformar lixo em renda.

Na etapa da regência trabalhamos reprodução humana dando sequência ao calendário da professora regente com o tema doenças sexualmente transmitidas, métodos contraceptivos e questão agrária, retratando a realidade do campo. Durante as aulas foram utilizados slides, textos, dinâmicas, vídeos, fotos, dentre outros recursos.

A primeira aula de regência foi um choque de realidade e se tornou mais difícil do que era imaginado na universidade na qualidade de educanda e durante as etapas passadas do estágio. O nervosismo da primeira vez de estar na frente de adolescentes e ser responsável por compartilhar o conhecimento com eles é uma experiência inexplicável. A professora regente orientou a fazer a chamada no início da aula para poder ir conhecendo os nomes dos alunos, uma estratégia que ajuda na interação com os educandos.

O nervosismo da primeira regência aos poucos foram dando lugar a interação e empolgação juntamente com a turma a qual tive que disputar espaço com os smartphones e as conversas paralelas. Não foi difícil chamar atenção dos alunos, pois estava utilizando uma metodologia diferente da professora regente. Entretanto no início não houve participação nas aulas por se tratar de um tema que, no campo, ainda é visto como tabu. Os pais não conversam com os filhos sobre o assunto e a responsabilidade da informação fica por conta da escola que, as vezes, passa o conteúdo de maneira superficial. Os alunos olhavam as fotos e vídeos e baixavam a cabeça com vergonha de ver como é a formação do seu próprio corpo, tudo que eles sabem até então são informações vista na televisão, internet, ou amiguinhos.

Os alunos sentem vergonha em falar de sexo pois não é um tema muito discutido no campo tanto pelas escolas quanto pelos pais. Apesar de alguns deles serem adolescentes com a vida sexual ativa, muitos deles não sabem dos riscos que corre quando se tem uma relação sem prevenção, os alunos só entenderam a real gravidade do problema quando viram os vídeos e as fotos. Nessa fase da vida os adolescentes se sentem protegidos de tudo e acham que isso não acontece com eles, portanto quanto mais rápido as orientações chegarem até à eles melhor será o resultado referente a prevenção. Em uma pesquisa realizada com adolescente entre 10 e 19 anos foi apontado o professor como melhor informante sobre o tema onde os autores Brêtas *et al* diz que:

Este resultado confirma a importância da escola como cenário privilegiado de acolhimento contínuo de adolescentes e jovens, e enquanto espaço para o compartilhamento de decisões e responsabilidades com as demais instâncias sociais envolvidas na efetivação das estratégias articuladas de redução da vulnerabilidade de adolescentes. (2009, p.790).

Os autores indicam a escola como melhor espaço para detenção desse saber, entretanto a escola necessita de apoio dos profissionais de saúde e, principalmente, dos pais, uma vez que estes são responsáveis, juntamente com o estado, pela educação dos filhos. Pois, segundo Souza (2008 *apud* TAVARES, 2012) “a tarefa de ensinar não cabe somente a escola, pois os alunos aprendem com a família, amigos e sendo assim a escola, a família e a comunidade tem andar juntas”.

Na avaliação do trabalho foi solicitado um seminário, porém os alunos não realizaram a tarefa, já que estão acostumados a serem avaliados com prova escrita. A turma teve 95% de aprovação na prova. Esse resultado pode estar atrelado à boa relação dos alunos com a estagiária que, segundo Aquino (1996 *apud* LINHARES *et al* 2014) a relação positiva entre professor e aluno tem maior probabilidade de aprendizado.

Portanto o resultado positivo da avaliação pode se dizer que foi efeito entre a boa relação com os alunos que participaram atentamente das aulas e dinâmicas apresentadas durante o estágio. O posicionamento da estagiária foi sempre de mediadora, evitando ser o centro das atenções, fazendo com que os alunos se aproximasse mais, trazendo um bom resultado final.

Nessa etapa o trabalho foi desenvolvido sem a ajuda da professora, que fez o acompanhamento de algumas aulas e avaliou todo meu estágio. No decorrer dessa etapa tive dificuldade em adequar os conteúdos do livro didático com a realidade da educação do campo, principalmente a questão agrária com a reprodução humana, pois o ensino na escola é feito de forma tradicional mesmo estando situada no campo. Apesar de estudar bastante na universidade a correlacionar os assuntos com a educação do campo, quando chega na sala de aula, se torna mais difícil, principalmente quando a escola não usa esse método de ensino.

Realizar o estágio de licenciatura em educação do campo em uma escola no campo, que não tem sua identidade reconhecida como do campo, foi um desafio, pois a metodologia de ensino é diferente da qual estudei durante esses três anos na universidade, uma prática totalmente diferente da teoria. Visão esta que converge com ideia apresentada por Silva (1990) no seguinte

fragmento: “a um ano atrás eu tinha certeza de que estava tendo uma boa formação. Agora estou chocada com a realidade daquelas crianças, e nem sei por onde começar. Na prática a teoria é outra” (SILVA, 1990, p.20 *apud* PIMENTA; LIMA, 2004, p.33).

O estágio me oportunizou a compartilhar conhecimento e conhecer ao mesmo tempo, perceber as fragilidades da educação, os avanços que a mesma teve ao longo dos anos, conhecer direitos e deveres de alunos professores e direção. Entender que a escola funciona como uma família onde todos caminham junto com o mesmo objetivo. Senti na pele o nervosismo da primeira regência, o carinho dos alunos ao similar os conteúdos ministrados, a fúria dos mesmos por não tirar uma boa nota. E ao longo desse processo percebi que a educação transforma, traz expectativas e realiza sonhos, que o dia de amanhã depende da educação que compartilhamos hoje.

Essa etapa foi de suma importância para minha concepção, pois através dela minha visão em relação a escola, professor e aluno mudou. Tirei minhas dúvidas e aprendi na prática os estudos feitos durante o tempo universidade, trazendo mais informações e segurança sobre a docência. É através do processo de ensino e aprendizagem que percebemos as dificuldades enfrentadas na sala de aula e o que pode ser feito para melhorar, pois só vivenciando que podemos colaborar com a mudança e perceber que nem sempre vamos ter controle da situação.

Considerações finais

O Estágio Obrigatório I é de suma importância na licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza, pois através dele que os licenciados desenvolvem na prática as questões teóricas, aprimorando os seus saberes com a futura profissão, bem como aperfeiçoando as didáticas estudadas no Tempo Universidade. Além disso o estágio nos ajuda a compreender melhor a profissão a qual escolhemos seguir já sabendo os problemas que será enfrentados e as responsabilidades que teremos perante os alunos, escola e comunidade.

Portanto o estágio foi de fundamental importância para minha formação, pois foi através deste que desenvolvi o processo de ensino e aprendizagem, revendo as dúvidas e os erros entendendo que o processo formativo é contínuo e por isso passível a correção de erros e mudança

de metodologia. O estágio de licenciatura e educação do campo, me permitiu a compreensão da educação como modo de desenvolvimento cognitivo do sujeito acompanhando a transformação e o desenvolvimento do seu senso crítico a partir de sua realidade.

Por fim, como aluna e estagiária de um curso de licenciatura em Educação do Campo, ressalto que esse tempo em escola pública me proporcionou um aprendizado diferente da teoria, fazendo com que me tornasse um sujeito mais crítico, reflexivo e aprimorado. E essa experiência será de fundamental importância para o desenvolvimento do estágio obrigatório II, pois já temos uma base de reflexão sobre estágio e vivência em sala de aula.

Referências

BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. **Lei 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.

BRÊTAS, J. *et al.* **Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis**: subsídios para prevenção. São Paulo, 2009.

CALDART, R.; EDGAR, J.; CERIOLI, P. R. **Coleção**: Por uma educação do campo nº4. Brasília: DF, 2002.

CALDART, R., **Educação do campo**: notas para uma análise de percurso. Rio de Janeiro, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed.. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FERNANDES, B.; MOLINA, M. C. **O campo da educação do campo**. 2004.

FRESCHI, E.; FRESCHI, M. Relações interpessoais: a construção do espaço artesanal no ambiente escolar. **Auto do Uruguai**, v. 8, n. 18, p.1-12, julho/dezembro. 2013.

LINHARES, P. **A importância da escola, aluno, estágio supervisionado e todo o processo educacional na formação inicial do professor**. 2014.

MEDINA, A.; PRUDENTE, P. **Estágio supervisionado do curso de Educação Física licenciatura, modalidade a distância, da Universidade Fumec: um relato de experiência.** Minas Gerais: Belo Horizonte, 2012.

PIMENA, S.; LIMA, M. S. **Estagio e docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

RESOLUÇÃO Nº 017/2016 do curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza e Matemática da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB Disponível em:
https://ufrb.edu.br/soc/components/com_chronoforms5/chronofoms/uploads/documento/20161005154443_017_2016_conac.PDF. Acesso em: 02 de agosto de 2017.

SCHMITZ, M.; CASTANHA, A. **Fechamento de escolas do campo: o caso da escola estadual do campo canoas.** Paraná: Cruzeiro do Iguaçu, 2017.

STAHL, L.; SANTOS, C. O estágio nos cursos de licenciatura: reflexões sobre as práticas docentes. In: **IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região do Sul - ANPED**, Santa catariana, 2012.

TAVARES, T. **Indisciplina escolar e sua influência no aprendizado.** Paraná: Medianeira, 2012.

VERGUTZ, C. O caminho da aprendizagem na pedagogia da alternância e o sujeito alternante. In: **IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região do Sul-ANPED**, Santa catariana, 2012.

XAVIER, J. P. B. O estágio supervisionado no curso de licenciatura em língua inglesa em uma instituição de ensino superior na cidade de Paranaguá. In: **IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE**, 2009.